

## SUJEITOS ERRANTES: INVESTIGANDO SUBJETIVIDADES NA INTERNET

Márcio José da Silva  
marcioect@bol.com.br

<http://lattes.cnpq.br/1103782532536655>

### RESUMO

Este trabalho originou-se a partir de estudos acerca de discursividades online e textualidades digitais que realizamos junto ao Grupo de Pesquisa em Produção e Divulgação do Conhecimento, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Sujeitos Errantes é o nome escolhido para designar o perfil de um usuário na internet a ser compartilhado por todos os membros do grupo. Neste artigo apresentamos uma análise preliminar deste perfil ‘Sujeitos Errantes’ na rede social Facebook. Para fazer a análise foram mobilizadas três noções: *Identidade*; *Sujeito* e *Subjetividade*. Nosso referencial teórico neste trabalho pauta-se em alguns autores que discutem o modo como essas noções vêm sendo reconfiguradas na pós-modernidade; são eles Stuart Hall, Frederic Jameson, Gilles Deleuze e Peter Pál Pelbart. Nossa análise aponta para o fato de que, apesar da dominação universalista e individualizante imposta pelo neocapitalismo, a proposição deste perfil compartilhado, no que diz respeito à constituição de subjetividades, possibilita avanços em relação a uma inscrição individual na rede.

**Palavras-chave:** Identidade; Sujeito; Subjetividade; Internet; Facebook.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho originou-se a partir de estudos acerca de discursividades online e textualidades digitais que realizamos junto ao Grupo de Pesquisa em Produção e Divulgação do Conhecimento, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Primeiramente, é preciso dizer que *Sujeitos Errantes* é o nome escolhido pelo respectivo grupo de pesquisa para designar um usuário na internet. Queremos enfatizar que, portanto, não corresponde a uma categoria de usuários, mas ‘um usuário’ específico criado para que seu perfil na internet seja compartilhado por todos os membros do grupo. O perfil Sujeitos Errantes foi

criado com o intuito de analisar discursivamente alguns aspectos da rede internet, sobretudo no que diz respeito ao modo como ela responde às demandas individuais de seus usuários.

Após algumas reuniões do grupo, foram apresentadas diversas propostas de nome e definiu-se por meio de votação que este usuário comum a todos os membros teria o nome de 'Sujeitos Errantes'. Para este usuário criou-se uma conta no Google e em diversas plataformas, dentre elas, Facebook, Youtube e Wikipédia. Foi criado também um grupo na rede social Facebook e um site na plataforma Wordpress.com, ambos com o nome de 'Metarede'. Conforme detalhado em GALLO; SILVA; BOCCHESE (2015), o site Metarede<sup>1</sup> é um ambiente colaborativo que pretendemos fazer funcionar como um “espaço polêmico das maneiras de ler”, potencialmente capaz de promover *“práticas diversificadas de trabalho sobre o arquivo textual”* conforme propunha Pêcheux (1994) em 'Ler o Arquivo Hoje', constituindo-se como uma discursividade de fronteiras permeáveis. O Metarede ainda encontra-se em construção e, em breve estará aberto a pesquisadores e estudantes de diversas áreas que, no entremeio de suas disciplinas poderão trabalhar colaborativamente exercitando novas formas de textualização e autoria.

Todas essas contas e a administração do site são atribuídas a este usuário [Sujeitos Errantes]. Sujeitos Errantes foi concebido para ser 'um usuário' heterogêneo e disperso, cujos temas de interesse, as postagens neste site e nas redes sociais, bem como as demandas de pesquisa em buscadores são apresentadas à rede não por um único indivíduo, mas por uma coletividade formada por todos os membros do grupo. Cada integrante do grupo pode logar-se à internet com o perfil Sujeitos Errantes e, por meio dele, pode alimentar a rede tanto com demandas definidas em comum acordo com outros membros quanto de acordo com suas próprias demandas.

Neste artigo apresentamos uma análise preliminar deste perfil 'Sujeitos Errantes' na rede social Facebook. Para fazer a análise foram mobilizadas três noções: 1.

---

1 Disponível em < [www.metarede.wordpress.com](http://www.metarede.wordpress.com) >.

identidade; 2. *Sujeito* e 3. *Subjetividade*. Mas é preciso deixar claro que se trata de um primeiro movimento analítico que visa situar este objeto no interior da forma-sujeito histórica do capitalismo, sem ainda, por enquanto, aprofundar-se em noções teóricas da Análise de Discurso. Nosso referencial teórico neste trabalho pauta-se em alguns autores que discutem o modo como essas noções vêm sendo reconfiguradas na pós-modernidade; são eles Stuart Hall, Frederic Jameson, Gilles Deleuze e Peter Pál Pelbart.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Hall (2006), as identidades modernas estão sendo descentradas, isto é, deslocadas, fragmentadas. Ele defende que mudanças estruturais da sociedade estão mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Trata-se de uma ‘descentração do sujeito’, um duplo deslocamento dos indivíduos, tanto de seu lugar no mundo social e cultural, quanto de si mesmos. Para Stuart Hall, trata-se de um processo no qual a noção de que ‘a identidade costura/sutura o sujeito à estrutura’ tem se mostrado frágil. Cada vez mais observamos que:

*A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. (...) à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. [HALL, 2006, pp. 12-13].*

Para explicar esta descentração do sujeito, Hall (2006) aponta uma série de rupturas nos discursos do conhecimento moderno. Ele destaca cinco avanços teóricos que contribuíram para este processo. O primeiro descentramento se deu a partir do postulado marxista de que “os homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhe são dadas”, uma proposição teórica que se opõe à ideia de que há uma essência universal de homem, desloca o papel de ‘agente da História’ de cada indivíduo singular para as relações sociais de luta de classes e defende que cada indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia.

O segundo descentramento encontra respaldo na teoria da Psicanálise, sobretudo no que diz respeito à noção de inconsciente postulada por Freud e à teoria lacaniana sobre a ‘formação do eu no olhar do Outro’, uma vez que estas teorias configuram um forte deslocamento em relação ao sujeito cartesiano, que postulava um indivíduo singular, cognoscente e racional, provido de uma identidade fixa e unificada. O terceiro está associado à teoria linguística de Saussure. Hall (2006) explica que, ao considerar a língua como um sistema social [e não individual], Saussure a toma como algo que independe de nossa vontade individual. Além disso, Saussure considera que o signo linguístico é arbitrário e a relação significante/significado não se dá positivamente, mas sim na relação dos signos uns com os outros. Segundo Hall (2006), se tomarmos a língua como elemento constitutivo da identidade, temos aí um ponto de convergência entre Saussure e Lacan, ou seja, a identidade é vista como instável/transitória, fato que configura um deslocamento em direção à auteridade e à incompletude do sujeito.

O quarto descentramento ocorre a partir da noção de ‘poder disciplinar’ de Foucault. O poder disciplinar é exercido por instituições que policiam e disciplinam as populações, promovendo um processo de individualização e, conseqüentemente, maior nível de isolamento do sujeito. O quinto diz respeito ao impacto do feminismo, tanto como crítica teórica, quanto como movimento social. O feminismo, juntamente com outros ‘movimentos’ ocorridos na década de 60 do século passado, enfatizou a dimensão subjetiva da atividade política e promoveu maior fragmentação da sociedade em grupos que ‘lutavam’ por interesses comuns, evidenciando questões de identidade social e constituindo o que veio a se chamar de ‘política de identidade’. Além disso, o feminismo questionou dicotomias [dentro/fora, público/privado, etc.] e promoveu politização da sociedade em geral ao tornar objeto de debate político categorias/temas sociais como família, sexualidade, trabalho doméstico, etc., ou seja, “ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação” (HALL, 2006, p. 45).

Esta noção de sujeito descentrado está presente, desde Michel Foucault, em diversos outros textos anteriores a este de Stuart Hall. Segundo Jameson (1996), a lógica daquilo que ele denomina ‘capitalismo tardio’ e que, em certa medida, confunde-se com o

que comumente chamamos de neocapitalismo, decretou o fim do sujeito centrado e modificou as formas de subjetividade, instaurando novos modos de assujeitamento e individualização. A partir das teses de Jameson, Pelbart (2000) afirma que temos na pós-modernidade uma subjetividade fabricada, moldada, (auto)modulada e que, a partir daí, surgem discursos contemporâneos mais preocupados em reinventar a subjetividade que em decifrá-la. Resgatando Michel Foucault, Pelbart lembra-nos que a luta contra as formas de assujeitamento é tão importante quanto lutas tradicionais contra a dominação e a exploração e que, precisamos não mais descobrir ‘quem somos’ mas sim, “promover novas formas de subjetividade, recusando o tipo de individualidade que nos foi imposto durante séculos.” [M. Foucault (1984), citado por PELBART, 2000, p. 12].

Pelbart (2000) considera que a fabricação social e histórica da subjetividade não é um tema novo. Ele alerta-nos para o fato de que hoje estamos todos, de algum modo, submetidos a um contínuo processo de domesticação que não exige mais os métodos violentos descritos por Nietzsche em sua obra *Genealogia da moral*, pois as tecnologias modernas fazem isso de um modo mais ‘suave’, mas não menos violento e cruel, promovendo um ‘apequenamento do Homem’ contra o qual é preciso sempre oferecer resistência, invocando o poder da vida e de suas múltiplas forças para lutar contra a forma-homem vigente, colocá-la em xeque e manter o homem na condição [preconizada por Nietzsche] de “o ainda não domado, o eternamente futuro” que se (re)constitui continuamente como “um grande experimentador de si mesmo”.

Entretanto, resistir a esta domesticação parece não ser algo muito simples. Gilles Deleuze (1992) afirma que passamos hoje daquele modelo de sociedade disciplinar, proposto por Foucault, para um modelo de sociedade de controle. Segundo Deleuze (1992), a lógica de confinamento que regia o modelo de sociedade disciplinar em Foucault, hoje está espalhada, dispersa por todo campo social e assume modalidades mais fluidas e flexíveis, configurando um espaço social menos recortado. Temos agora um espaço aberto, liso, cujas fronteiras estão menos demarcadas e, por vezes, tornam-se praticamente imperceptíveis, conferindo um ‘efeito de liberdade’ que se apresenta em função de nossa maior mobilidade e fluidez nas relações sociais. Entretanto, Deleuze

alerta-nos de que essa maior mobilidade e fluidez não são gratuitas, pois carregam consigo um alto nível de controle e individualização. Para Deleuze, somos prisioneiros a céu aberto e vivemos hoje uma crise das instituições mediante a implantação progressiva e dispersa de um novo regime de dominação contra o qual precisamos produzir diferentes mecanismos de resistência.

Segundo Deleuze (1992), a sociedade do controle, ao diluir fronteiras, transforma aquele 'homem confinado' de Foucault em um 'homem endividado', ou seja, submetido a um contínuo processo de formação e avaliação de seu desempenho, constantemente submetido ao controle de suas ações em todos os lugares e o tempo todo. Trata-se de um processo que promove indistinção entre espaços e categorias até então bem definidas. Agora, tudo é escola, tudo é trabalho, tudo é família. Estamos, simultaneamente, produzindo, consumindo, nos entretendo, investindo em nossa formação etc. A sociedade do controle aboliu a própria exterioridade antes constituída nas dicotomias dentro/fora e aberto/fechado. Não há mais a privacidade do 'fechado', apenas um 'efeito de fechado', pois tudo é permeável e, de algum modo, 'tudo está dentro', ou seja, o neocapitalismo instaurou um discurso de mundialização e vem consolidando seu império, uma forma de soberania em que nada fica de fora.

Para Deleuze, este controle onipresente tornou-se nosso novo meio ambiente e, por isso, é preciso buscar 'novas armas', fazer uso de nossa plasticidade subjetiva para forjar novas estratégias de resistência, reinventar dobras da/na subjetividade, redefinir continuamente novas margens e traçar 'linhas de fuga'. Mas como resistir a este novo regime de dominação? Como escapar? Pelbart (2000) oferece algumas pistas de como proceder. Segundo este autor, é preciso reconhecer as novas conexões e hibridações, os novos *territórios existenciais* que se proliferam por toda parte e libertar a subjetividade das garras deste controle homogeneizante imposto pelo neocapitalismo. Para ele:

Se o capitalismo desterritorializa os sujeitos de suas esferas natais, fazendo com que às vezes eles se reterritorializem sobre referências identitárias arcaicas ou midiáticas, ao mesmo tempo essa nomadização generalizada pode significar uma refluidificação aberta a novas composições, a novos valores e novas sensibilidades. É nesse vetor,

molecular, subrepresentativo, coletivo, que podem surgir novos agenciamentos de desejo os mais inusitados, polifônicos, heterogêneos. Seria lamentável se, frente a isso, continuássemos aferrados a uma representação reaseguradora de subjetividade, num modelo identitário que consideraríamos como traído ou perdido, enquanto de a vivemos esgarçada por todos os lados, e devassada por um exterior cada vez mais intrusivo. (PELBART, 2000, p. 14).

A partir da noção de 'dobra' [desenvolvida por Deleuze], Pelbart (2000) apresenta algumas considerações acerca da tensão existente entre o corpo virtual e o corpo biológico. Segundo ele, pesquisas recentes apontam para novas práticas de si, novas relações subjetivas que vem promovendo uma disjunção entre o corpo virtual e o corpo biológico e, conseqüentemente, diferentes modos de se relacionar consigo mesmo e com a exterioridade, fazendo fluir um processo incessante no qual observam-se subjetividades em constante transformação. Nas palavras de Pelbart:

Subjetividades nascentes, polifônicas, heterogêneas, mestiças, individuais ou coletivas, emergindo como outros tantos territórios existenciais, na adjacência de outras alteridades subjetivas... Para acompanhar esses nascimentos, em vez de tomá-los como meros avatares de estruturas universais, impõe-se uma prática cartográfica mais aberta e construtivista, que se pergunte ao mesmo tempo que novas velocidades e lentidões estão em vias de engendrar-se, mas sobretudo que novos afetos cada uma dessas formas emergentes favorece. [PELBART, 2000, p.18].

Pelbart (2000) resgata a noção de *subsunção formal*, cunhada por Marx ao tratar da relação salarial predominante no capitalismo de sua época, uma relação de troca, supostamente tida como justa e igualitária, na qual o trabalhador submete-se para ser livremente assujeitado. O autor aponta uma passagem desse regime de sujeição para um *regime de servidão*, no qual "os próprios homens são peças constituintes de uma máquina, que eles compõem entre si e com outras coisas (animais, ferramentas), sob o controle e a direção de uma unidade superior." (PELBART, 2000, p.32). Passamos agora para uma fase em que, mais que submetido pela máquina, o homem [trabalhador, usuário, servo] é sujeitado à máquina num regime de servidão generalizada formado a partir de sistemas homens-máquinas reversíveis e recorrentes. Mais que isso, trata-se muitas vezes de se integrar o homem e a máquina, promovendo indistinção entre eles e configurando uma espécie de servidão maquínica objetiva dos indivíduos pelo capital,

uma *integração no capital* que, escraviza o homem e transforma-o em mercadoria. Consumimos hoje, sobretudo, fluxos [de imagens, informações, conhecimentos, serviços etc.], de modo que:

esses fluxos formatam nossa subjetividade, revolvendo nossa inteligência e conhecimentos, nossas condutas, gostos, opiniões, sonhos e desejos, em suma, nossos afetos. Consumimos cada vez mais maneiras de ver e de sentir, de pensar e de perceber, de morar e de vestir, ou seja, formas de vida.(...) a produção de subjetividade, os processos vitais ricos em relações intelectuais e valores afetivos, passam a ocupar um lugar cada vez mais central do processo produtivo. (PELBART, 2000, p.36).

Segundo Pelbart (2000), a relação produção/consumo de tais fluxos se dá a partir de um trabalho mais criativo e de natureza imaterial. Além disso, esta relação tem uma dimensão propriamente afetiva, associada a aspectos intangíveis [satisfação, bem-estar ou até mesmo a simples sensação de pertencimento]. Trata-se então de um 'trabalho afetivo' que se estrutura baseado em relações interpessoais e atua na dimensão afetiva do trabalhador-consumidor-usuário, constituindo redes sociais de relacionamento e, ao mesmo tempo, sendo constituído por meio delas. O capitalismo atual requer cada vez mais sujeitos dinâmicos, comunicativos, autônomos e com capacidade não só de produzir e de administrar seu tempo-espaço de trabalho, como também de coordenar a cooperação produtiva de um coletivo, por mais que tal cooperação esteja fundada em relacionamentos superficiais, contingenciais, efêmeros e oportunistas.

## ANÁLISE

Como foi dito anteriormente, o perfil *Sujeitos Errantes* na rede social Facebook é administrado por diversas pessoas. Nosso entendimento é que este perfil apresenta um tipo de funcionamento que remete não a um sujeito-usuário, mas a um daqueles '*territórios existenciais*' de que nos fala Pelbart (2000), um espaço-tempo em que cada membro do grupo de pesquisa pode interagir com outras pessoas tanto usando seu login pessoal e apresentando-se a rede como um 'amigo' deste usuário 'sujeitos errantes', quanto logar-se como sendo o próprio 'sujeitos errantes'. Nossa principal questão é:

poderíamos considerar que esse perfil *Sujeitos Errantes* permite novas formas de subjetividade em relação ao nosso perfil pessoal? Vejamos:

O primeiro ponto a destacar é que, desde nossas primeiras investidas para fazer ‘amigos’ nesta rede social em nome do perfil *sujeitos errantes*, percebemos que nossas identidades não podem ser ‘apagadas’ quando acessamos a rede na pele deste perfil coletivo. Alguns dos amigos rapidamente reconheceram tratar-se de um grupo de pesquisa territorializado na UNISUL e liderado pela Prof<sup>a</sup> Solange Gallo. Nossas inserções na pele de *sujeitos errantes* foram rapidamente ‘coladas’ aos nossos perfis pessoais, sobretudo ao da professora que coordena o grupo. *Sujeitos Errantes*, enquanto simulacro de um usuário singular individuado pela rede em seu funcionamento algorítmico, aparece para seus ‘amigos’, em cada inserção, já como manifestação de um membro do grupo sob a responsabilidade de sua líder.

Portanto, este perfil parece não funcionar não como ‘uma identidade’ específica, mas como um espaço-tempo no qual cada membro do grupo pode manifestar, a cada nova inserção, uma ou mais daquelas múltiplas identidades possíveis de que nos fala Stuart Hall (2006). Diferentemente de quando acessamos nosso perfil pessoal, investir-se da pele de *Sujeitos Errantes* implica em inscrever-se neste espaço-tempo de uma posição sujeito que está vinculada ao discurso acadêmico, uma posição que se articula materialmente com o território em que nos inscrevemos fora da rede internet como estudantes ou professores/pesquisadores vinculados a um programa de pós-graduação. A fronteira que demarca estes espaços-tempo [o da universidade e o da rede] mostrou-se permeável, não há como isolar estas instâncias e posicionar-se na rede sem carregar marcas do discurso acadêmico e da instituição a qual estamos vinculados, ou seja, não se trata de uma identidade distinta em cada um desses territórios, mas talvez, de evidenciar determinadas facetas em detrimento de outras muitas que se combinam na contínua (re)constituição de nossa subjetividade complexa e dinâmica.

Pensar o perfil *Sujeitos Errantes* como um espaço-tempo e não como um sujeito-usuário virtual na rede, implica admitir que, mesmo quando nos inscrevemos na rede com

o login de Sujeitos Errantes, não estamos menos submetidos ao controle de que fala Deleuze (1992), ou seja, esta forma de inscrição, ao menos por enquanto, parece não ter funcionado plenamente como uma daquelas *linhas de fuga* preconizadas por este autor. Há variações positivas em relação ao nosso perfil pessoal, como por exemplo, o fato de que nem tudo que aparece na textualidade desta rede social (postagens, anúncios, sugestões de novos amigos pelo sistema, etc.) é fruto somente de nossas demandas individuais. Além disso, os vínculos afetivos que se estabelecem a partir de novas solicitações de amizade e os aceites também não são ações tomadas exclusivamente por uma pessoa, de modo que a cada nova entrada na rede social, cada membro do grupo pode, por exemplo, deparar-se com mensagens e outras demandas de novos ‘amigos’ que ele ainda não reconhece. Entretanto, mesmo na pele de Sujeitos Errantes, que na rede trata-se de um perfil coletivo, compartilhado por todos os membros do grupo, ao acessar este espaço-tempo, continuamos nos posicionando e movendo-se ‘livremente controlados’ e assujeitados pelo sistema.

Levamos para este espaço-tempo nossa condição de usuários da rede como servos-escravos integrados ao capital, assumimos nosso papel de agente produtor sem apagar que, simultaneamente, somos também ‘produto’ dela e para ela; nossa identidade, nossa cifra que permite acesso a este espaço-tempo tem valor de mercadoria e isso se dá sem haver um descolamento de outros espaços-tempos em que nos posicionamos. É como um território único, sem fronteiras ou com fronteiras permeáveis, de modo que a materialidade fora da rede passa a ser parte integrante da própria rede, como se tudo que produzimos fora dela estivesse, de algum modo, sendo objetivado por ela no momento em que utilizamos nossa cifra para acessar seu espaço-tempo. Ausência de exterioridade.

Quando dizemos tudo, estamos nos referindo não só aos bens materiais e ao conhecimento que produzimos tanto de forma isolada como em grupos, mas também aos nossos afetos, nossa rede de relacionamentos, nossas preferências, nossa história de vida, nossa memória, tudo que constitui nossa subjetividade. Esta experiência mostrou-nos que, assim como vimos com Deleuze (1992) e com Pelbart (2000), o capitalismo

mantém, em todos os espaços-tempos, um forte controle sobre tudo e todos que podem ter para ele valor de mercadoria. Nada fica de fora.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se não há como ficar de fora, talvez já tenha sido um avanço poder realizar diferentes movimentos e produzir novas conexões, outros afetos, estabelecer fluxos noutras velocidades que extrapolam a dimensão individual. Considerando que *Sujeitos Errantes* é um espaço-tempo colaborativo, no qual todos os membros do grupo podem transcender sua individualidade e constituir coletivamente uma forma de subjetividade pelo menos um pouco mais aberta, heterogênea e polifônica em relação aos seus perfis pessoais nesta mesma rede social, já temos aí um avanço positivo na direção de uma alteridade constitutiva que atua em nossa própria subjetividade, acompanhando a velocidade da rede, promovendo ações menos egocêntricas na produção e disseminação do conhecimento científico. Vimos em *Sujeitos Errantes* uma possibilidade de multiplicar nossos afetos e produzir intercâmbio de subjetividades, formando uma rede de estudantes e professores-pesquisadores em nossa área, uma rede que pode tornar-se interdisciplinar na medida em que abrimos este espaço-tempo para a colaboração de ‘sujeitos’ de outras áreas do conhecimento e que passemos a compartilhar nossa produção intelectual de um modo mais descolado do discurso de propriedade privada que impera no meio acadêmico e na ciência como um todo.

Trata-se de um modo mais democrático de construir subjetividades. Mais democrático não apenas no sentido utilitarista de ampliação do acesso ao conhecimento produzido em nossa área, mas também no sentido de oportunizar um processo mais heterogêneo de construção do conhecimento, um modo de trabalho acadêmico-científico menos individualizado e menos elitista, mais aberto aos profissionais de outros campos do saber. Obviamente, não estamos aqui defendendo uma homogeneização dos métodos de trabalho, nem lutando por um discurso de consenso entre as diversas áreas, pois entendemos que seguindo este caminho estaríamos promovendo uma indistinção entre teorias e, conseqüentemente, uma produção superficial e generalizante de re-conceitos,

mas acreditamos que a formação de redes de pesquisa na internet pode tornar mais permeáveis as fronteiras de nossos campos disciplinares, facilitar tanto o compartilhamento de saberes e experiências, quanto a produção colaborativa de conhecimentos multidisciplinares que poderão ser disseminados em vias mais abertas, circular e ‘fazer sentido’ fora das ‘bolhas’ que construímos em torno de nossas áreas de conhecimento.

Para finalizar, é preciso dizer que esta experiência é apenas a primeira fase de um projeto de pesquisa no qual, posteriormente, serão mobilizados conceitos da Análise de Discurso para aprofundar nossa análise acerca da constituição da subjetividade e do modo como se (re)configura o estatuto de autoria neste ambiente colaborativo que encontra-se ainda em processo de construção e que, a princípio, deve ter a alteridade e a incompletude como elementos constitutivos. Será sempre uma *versão beta* de um território existencial heterogêneo, polifônico, dinâmico e disperso, com fronteiras permeáveis. Talvez nunca consigamos cumprir plenamente a demanda apontada por Pelbart (2000) de resistir à dominação universalista e individualizante do capital que produz alienação da subjetividade e promover processos capazes de libertá-la por completo das garras deste controle homogeneizante imposto pelo neocapitalismo. Talvez esta demanda seja algo impossível, mas seguimos tentando, pois, ao vencer a inércia, sempre há avanços.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles. **Post Scriptum sobre as Sociedades de Controle**. In.: *Conversações*. Rio de Janeiro. Ed. 34, 1992.

GALLO, Solange L.; SILVA, Márcio J. da; BOCCHESI, Pedro A. Projeto Metarede: investigando discursividades online e textualidades digitais. In: FLORES, Giovanna G. B.; NECKEL, Nádia R. M.; GALLO, Solange L. (Orgs) **Discurso, Cultura e Mídia: pesquisas em rede**. Palhoça: ed. UNISUL, (pp. 8-18), 2015.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A editora, 2006.

JAMESON, Frederic. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. 2ª edição. Tradução de Maria Elisa Cevalco. São Paulo. Ática, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à razão do óbvio**. Tradução: Eni P. Orlandi [et al.]. Campinas-SP: Ed. da UNICAMP, 1988.

\_\_\_\_\_ Ler o Arquivo Hoje. In: Orlandi, E. P. (org.) [et. al.]. **Gestos de Leitura: da história no discurso**. Tradução: Betânia S. C. Mariani [et. al.]. Campinas: ed. da UNICAMP, (Coleção Repertórios), (pp.55-66), 1994.

PELBART, Peter P. **A Vertigem por um Fio: políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo. Iluminuras, 2000.

### **SOBRE O AUTOR:**

Doutorando em Ciências da Linguagem na linha de pesquisa Texto e Discurso e membro do Grupo de Pesquisa em Produção e Circulação do Conhecimento, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Licenciado em Física pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestre em Educação Científica e Tecnológica por esta mesma instituição. Além das atividades de pesquisa em Ciências da Linguagem, atua como professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, lotado na Escola de Aprendizes-Marinheiros de Santa Catarina, instituição de formação profissional militar vinculada à Marinha do Brasil.